

## O TRIBUNAL DO LEITOR: A INVERSÃO DO JULGAMENTO EM *DOM CASMURRO*, DE MACHADO DE ASSIS

Rodrigo Damacena Alves Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** A presente reflexão ensaística propõe uma releitura do romance *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, partindo da hipótese de que o verdadeiro julgamento conduzido ao longo da narrativa não se destina a Capitu, mas ao próprio leitor. Ao narrar sua história de forma subjetiva e enviesada, Bentinho constrói um discurso que se pretende persuasivo, mas que deixa lacunas, ambiguidades e contradições. Nesse sentido, o texto não oferece provas cabais da suposta traição, mas sim uma série de indícios que exigem do leitor uma postura ativa e investigativa. O romance, portanto, transforma-se em um espaço de julgamento recíproco, em que o narrador busca convencer o leitor de sua versão, e este é simultaneamente jurado e réu de suas próprias conclusões, forçado a confrontar seus próprios preconceitos e expectativas.

**Palavras-chave:** Machado de Assis; *Dom Casmurro*; narrador não confiável; leitor; julgamento.

## THE READER'S COURTROOM: THE INVERSION OF JUDGMENT IN *DOM CASMURRO* BY MACHADO DE ASSIS

**Resumo:** The present reflective essay proposes a reinterpretation of the novel *Dom Casmurro* (1899), by Machado de Assis, based on the hypothesis that the true judgment carried out throughout the narrative is not directed at Capitu, but rather at the reader themselves. By narrating his story in a subjective and biased manner, Bentinho constructs a discourse intended to be persuasive, yet riddled with gaps, ambiguities, and contradictions. In this sense, the text offers no conclusive evidence of the alleged betrayal, but instead presents a series of clues that demand an active and investigative stance from the reader. The novel thus becomes a space of mutual judgment, in which the narrator seeks to convince the reader of his version of events, while the reader becomes simultaneously both juror and defendant of their own conclusions—compelled to confront their own prejudices and expectations.

**Palavras-chave:** Machado de Assis; *Dom Casmurro*; unreliable narrator; reader; judgment

## INTRODUÇÃO

Machado de Assis é reconhecido como um dos maiores escritores da literatura brasileira e universal, notadamente pela sutileza e ironia com que constrói seus

---

<sup>1</sup> Professor do Centro Universitário de Goiás (UNIGOIÁS). Especialista em Literatura Brasileira pela Faculdade Focus e Gestão Educacional: Direção, Coordenação e Supervisão pela Faculdade Iguaçu. Licenciado em Letras – Português pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2176632584404194> E-mail: rrdamacena@gmail.com

narradores. Sua obra, marcada por um agudo senso de observação psicológica e por uma consciência estética refinada, subverte expectativas do leitor e rompe com convenções narrativas de sua época. Publicado em 1899, *Dom Casmurro* insere-se na chamada “fase madura” de Machado, período em que o autor abandona o realismo estrito e investe em narrativas de caráter mais psicológico, introspectivo e ambíguo.

O romance apresenta-se como um relato memorialístico em primeira pessoa, no qual Bento Santiago — ou Dom Casmurro — busca “atar as duas pontas da vida” e reconstruir seu passado com Capitu. À primeira vista, trata-se de um exercício de memória, mas o texto revela-se rapidamente como uma tentativa de justificar ações, sentimentos e ressentimentos, lançando sobre Capitu a sombra da suspeita de traição.

Tradicionalmente, as leituras críticas concentram-se no dilema central: teria ou não Capitu traído Bentinho com Escobar? O que distingue a presente análise é o deslocamento desse foco. Ao invés de se perguntar sobre a inocência ou culpa de Capitu, propõe-se aqui que o romance julga, na verdade, o leitor — convidando-o a adotar uma posição diante de um narrador notoriamente não confiável. Esse deslocamento altera a lógica interpretativa da obra: não é Capitu quem está em julgamento, mas nós, que somos levados a decidir com base em evidências frágeis, filtradas pela subjetividade de Bentinho.

Para sustentar essa hipótese, este estudo dialoga com conceitos de **narrador não confiável** (Booth, 1980) e **teoria da recepção** (Iser, 1999; Jauss, 1994), analisando como Machado constrói um jogo de persuasão e dúvida que envolve ativamente o público.

## O NARRADOR COMO ADVOGADO DE SI MESMO: A RETÓRICA DO CONVENCIMENTO

Desde as primeiras linhas, Bentinho se apresenta não apenas como narrador, mas como parte interessada na história. Sua afirmação de que deseja “atar as duas pontas da vida” (Assis, 2019, p. 14) revela um projeto de reconstituição seletiva do passado, orientado por um interesse pessoal. Wayne Booth (1980) classifica narradores desse tipo como “não confiáveis” quando há uma discrepância perceptível entre o que dizem e o que o leitor deduz a partir do texto.

Bentinho não apenas relata acontecimentos, mas interpreta-os de modo a favorecer sua própria versão. Sua descrição dos “olhos de ressaca” de Capitu é um

exemplo paradigmático: uma metáfora carregada de subjetividade, que transforma um traço físico em símbolo de ameaça emocional. Essa operação retórica visa moldar a percepção do leitor antes mesmo que este possa avaliar os fatos por conta própria.

Todas essas belas instituições sociais me envolviam no seu mistério, sem que os olhos de ressaca de Capitu deixassem de crescer para mim, a tal ponto que as fizeram esquecer de todo. O erro de Capitu foi não deixá-los crescer infinitamente, antes diminuir até as dimensões normais, e dar-lhes o movimento do costume. (Assis, 2019 p. 75)

Ao agir como advogado de sua própria causa, Bentinho combina confissão e acusação, fragilidade e autoridade, buscando envolver o leitor em sua lógica emocional. Esse movimento ecoa o mecanismo retórico descrito por Aristóteles, no qual *ethos*, *pathos* e *logos* se entrelaçam para convencer mais pela credibilidade aparente e pela emoção que pela prova factual.

## A AUSÊNCIA DE PROVAS E O PAPEL ATIVO DO LEITOR

A acusação de traição não se sustenta em provas concretas, mas em indícios e interpretações pessoais. A famosa cena do velório de Escobar ilustra essa fragilidade. Bentinho interpreta o olhar de Capitu para o cadáver como revelação de um amor secreto. No entanto, nada no texto — exceto a percepção do narrador — confirma tal leitura.

Essa lacuna narrativa desloca para o leitor a tarefa de “preencher” o sentido, o que se aproxima do conceito de “lacunas” (gaps) de Wolfgang Iser (1999), segundo o qual toda narrativa deixa espaços que o leitor deve completar a partir de sua experiência e expectativas. Em *Dom Casmurro*, essas lacunas não são neutras: são armadilhas que testam nossa tendência a aceitar narrativas enviesadas quando alinhadas a nossos preconceitos.

## O JULGAMENTO RECÍPROCO E A CRISE DO LEITOR

O jogo proposto por Machado se desenvolve em três movimentos:

1. **O narrador julga Capitu** a partir de percepções subjetivas e de suas próprias inseguranças;
2. **O leitor julga o narrador**, avaliando sua credibilidade e detectando contradições;

3. **O texto julga o leitor**, pois qualquer conclusão definitiva sobre Capitu reflete mais as predisposições do público do que uma verdade objetiva.

Aqui, o romance funciona como um “tribunal imaginário” no qual a sentença final não está nas páginas, mas na consciência de quem lê. Essa estrutura reforça a modernidade de Machado, aproximando-o de narrativas do século XX que exploram a instabilidade da verdade.

## CONTEXTO MACHADIANO E PARALELOS INTERNOS

Essa estratégia não é exclusiva de *Dom Casmurro*. Narradores problemáticos aparecem em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Quincas Borba* (1891), mas em nenhum outro romance a inversão do julgamento é tão radical. No contexto do fim do século XIX, marcado pelo cientificismo e pela crença no realismo objetivo, Machado subverte a expectativa de neutralidade, revelando que toda narrativa é um recorte subjetivo.

Ao fazer do leitor um personagem implícito, Machado antecipa discussões da teoria literária contemporânea sobre a participação do público na construção do sentido. Barthes (1984), ao falar da “morte do autor”, propõe que o sentido do texto nasce no encontro com o leitor — ideia que ressoa fortemente na experiência de *Dom Casmurro*.

## CONSIDERAÇÕES

Ler *Dom Casmurro* sob a ótica de que o leitor é o verdadeiro julgado amplia o alcance interpretativo da obra. Mais do que um romance sobre ciúme ou suspeita de adultério, trata-se de um laboratório narrativo sobre a construção da verdade, a manipulação discursiva e a subjetividade da memória.

Ao se recusar a oferecer respostas definitivas, Machado obriga o público a expor seus próprios critérios de julgamento. O enigma de Capitu torna-se um espelho que devolve ao leitor sua própria imagem, com suas crenças, preconceitos e limites interpretativos. A pergunta central deixa de ser “Capitu traiu?” e passa a ser “Por que acredito ou duvido dela?”. Essa mudança de foco desloca o romance de uma trama pessoal para uma reflexão universal sobre o ato de ler e interpretar.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 2ª edição. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.

BARTHES, Roland. **A morte do autor**. In: O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

BOOTH, Wayne C. **A retórica da ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1980.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

JAUSS, Hans Robert. **A estética da recepção**. São Paulo: Ática, 1994.

*Recebido: Março de 2025*  
*Aceito: Junho de 2025*